

Menu

Buscar

Mercado

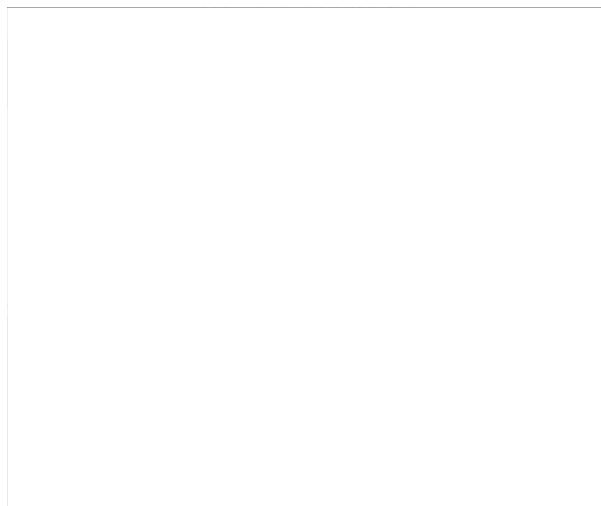
Vinci levanta maior fundo brasileiro de impacto

Gestora conclui captação de R\$ 1 bilhão, ante expectativa inicial de R\$ 600 milhões, e já fez dois aportes no setor de saúde

Por **Maria Luíza Filgueiras** — São Paulo

30/03/2021 17h58 · Atualizado há 41 minutos

CONTINUA DEPOIS DA PUBLICIDADE



A Vinci Partners acaba de concluir a captação de seu fundo para investimentos de impacto, levantando R\$ 1 bilhão no maior veículo do tipo no país. Com captação iniciada no final de 2019 e concentrada no período da pandemia, o fundo nasceu com ancoragem do BNDES, que ficaria com 25% dos R\$ 600 milhões que a gestora pretendia alcançar. Mas a demanda internacional, que sozinha respondeu por R\$

[Menu](#)[Buscar](#)**Mercado**

Entre os investidores cujo aporte é público está o IFC, do Banco Mundial, que aportou US\$ 20 milhões. O BID colocou US\$ 10 milhões e o alemão DEG aportou US\$ 11,8 milhões. O BNDES aportou R\$ 150 milhões e cerca de R\$ 330 milhões foram distribuído em plataforma de investimento.



[Menu](#)[Buscar](#)[Mercado](#)

Pepe, da Vinci: depois de investimentos com foco no Nordeste, mandato agora é nacional — Foto: Divulgação

Sob a coordenação de Bruno Zaremba, head de private equity da Vinci, e gestão do sócio José Pano, o Pepe, o fundo fará investimento minoritário em empresas médias, com aportes entre R\$ 30 a 100 milhões.

"Não tem tradeoff de retorno por impacto, vamos buscar as duas coisas juntas. Tem que ser um negócio com potencial de crescimento e impacto positivo e que o empreendedor tenha esse compromisso também", diz o gestor.

Como já tinha feito um primeiro closing, o fundo encerra a captação já com dois investimentos em carteira, ambos no setor de saúde. O fundo comprou participação na Pró Infusion, companhia que faz fracionamento de medicamentos especiais, especialmente de tratamentos oncológicos, e vende para planos de saúde e hospitais que atendem o público de baixa renda, com custo cerca de 20% menor.

"Não é só efeito de redução de custos, mas um impacto social brutal ao levar para o atendimento de uma Santa Casa, que não fazia tratamento de câncer, um paciente que tinha que viajar 300 quilômetros para isso", diz Pepe. A primeira parceria foi com a Santa Casa de São Gabriel, no interior do Rio Grande do Sul e já expandiu para outras cinco no interior.



Menu

Buscar

Mercado



Operadora de saúde voltada para classes B e C foi segundo investimento do fundo — Foto: Divulgação

Há pouco mais de um mês, o fundo da Vinci também se tornou acionista da Oeste Saúde, operadora de plano de saúde de Presidente Prudente, no interior de São Paulo. “É um plano de tíquete médio baixo, para classe C, que vai se expandir na região e estamos comprando uma área para a construção de um hospital próprio”, conta o gestor.

Zaremba diz que o fundo tem um scorecard para avaliar as companhias, na fase de diligência, e estabelecer metas para a melhoria de classificação ano a ano conforme o impacto que a gestora vislumbra – que são reportadas para os investidores e, como já acontece em companhias de maior porte, pesam na bonificação dos administradores.

Gerar empregos, por exemplo, não é uma métrica de impacto por si só, uma vez que toda companhia em crescimento tem essa consequência, e nem simplesmente ter um número maior de mulheres contratadas se isso já é uma média do setor.

“Um das companhias que estamos olhando é de serviços de manutenção e, nesse cronograma, entra o treinamento para mulheres para serem contratadas como mecânicas. É comum nos Estados Unidos e na Europa, mas não nas companhias brasileiras”, exemplifica Pepe.

O gestor foi responsável por fundos que tinha mandato específico de impacto no Nordeste. Desta vez, a proposta é nacional. “Vamos continuar investindo no Nordeste, que deve ficar com cerca de 35% do fundo, mas vamos olhar também outras regiões que tenham maior carência de capital ou que já sejam mais

[Menu](#)[Buscar](#)[Mercado](#)

O volume para fundos de impacto está aumentando no Brasil, na toada da temática ESG que atrai mais investidores dedicados e nomes do mainstream financeiro. A Vox Capital, que é uma das gestoras com atuação há tempo nesse mercado, levantou até hoje dois fundos entre R\$ 80 e 85 milhões cada e, agora, colocou na rua um novo veículo para captar R\$ 500 milhões.

Um outro private equity já em distribuição pretende bater o número da Vinci -- o BTG Pactual quer levantar até R\$ 1,2 bilhão em seu veículo de impacto, já registrado na CVM.

Na Vinci, a temática de ESG vem permeando investimentos há mais tempo. "Já implementávamos todos os critérios de governança nos nossos investimentos, adotamos nos últimos anos critérios de diversificação de gênero, temos um fundo de crédito focado em energia renovável e agora esse fundo de impacto, que é um divisor de águas pela relevância que ele tem na nossa indústria", diz Zarembo.
